

# NAS ZONAS LIBERTADAS DE CABO DELGADO

29/4/79

## Conversa com Tadahiro Ogawa

Tadahiro Ogawa é um fotógrafo japonês militante activo do «Comité Antiapartheid do Japão».

Travou o seu primeiro contacto com Moçambique através de uma revista que incluía um pequeno artigo sobre a FRELIMO em 1967, que leu quando ao sair da Universidade e ingressar no Comité Antiapartheid, devorava todos os livros e publicações sobre África que encontrava. A partir da leitura desse pequeno artigo, Tadahiro ficou profundamente decidido a acompanhar de perto a luta do Povo moçambicano contra os colonialistas portugueses.

Ainda em 1967 e depois 1968 quando fazia um roteiro fotográfico para uma enciclopédia japonesa, Tadahiro viaja do Japão para Dar-Es-Salaam, onde tendo entrado directamente em contacto com a Direcção da FRELIMO expressa o seu desejo de visitar as zonas libertadas pela FRELIMO.

A partir do Japão e desde 1969 Tadahiro começa então a enviar várias cartas reafirmando a sua intenção expressa em Dar-Es-Salaam em 1967 e 68. A essas cartas Tadahiro Ogawa junta várias notas de recomendação.

No dia 1 de Abril de 1973 Tadahiro Ogawa recebe no Japão um telegrama proveniente da Direcção da FRELIMO pedindo-lhe para se apresentar em Dar-Es-Salaam até ao dia 25 daquele mês.

Ao chegar a esta altura na história que está a contar Tadahiro parece já emocionado: nunca esperei que depois dos meus pacientes seis anos a pedir para visitar as zonas libertadas fosse ines-



peradamente e sem ter vislumbado nenhuma mudança de atitude da FRELIMO em relação ao meu pedido, receber não só a imediata concretização do meu anseio como o pedido para que me apresentasse em apenas 25 dias a tantos milhares de quilómetros de distância.

Para ser sincero, na altura não tinha o dinheiro necessário para

a viagem e por outro lado como não esperava para tão breve aceitação do meu pedido tinha já assinado contratos de trabalho com várias revistas japonesas. Tinha que me decidir: ou deitar os empregos fora, ou perder a oportunidade por que vinha esperando e lutando há mais de seis anos. Não houve hesitação, deitei os empregos fora e comecei a recolher di-

nheiro para vir. No dia 21 de Abril desembarquei no aeroporto de Dar-Es-Salaam.

No dia 25, à meia-noite atravessávamos o Rio Rovuma penetrando já em território moçambicano, a dois passos dos portugueses. Dois pequenos barcos a remos eram utilizados. Num ia o Camarada Presidente Samora Machel, o outro era o barco em que me levavam. Não me contive e liguei o meu pequeno gravador de cassetes, gravando o som dos remos a bater na água ao mesmo tempo que guardava as baixas vozes do Camarada Samora Machel falando com os seus combatentes. Até hoje guardo ainda com muito orgulho esse e outros bocados de som que gravei em Moçambique.

Depois de atravessarmos o Rovuma, e sem parar para descansar fomos andando a pé. Andámos, andámos subindo uma montanha. Eu comecei então a ficar para trás. Os combatentes estavam treinados, estavam habituados, e eu embora tivesse sonhado muito com aquilo, nunca tinha experimentado. Não tinha qualquer ideia de onde estava geograficamente e sendo segredo militar ninguém mo diria. Por isso ia olhando para as estrelas o que apesar de tudo não me dizia grande coisa. Tudo o que eu viria a saber é que a base



militar portuguesa mais importante da zona se situava em Mueda.

Depois de termos passado a noite inteira a subir, chegámos ao topo da montanha e começámos imediatamente a descê-la em direcção à floresta no sentido contrário de onde vínhamos. Assim que começámos a chegar ao fim da nossa descida ouvimos coros a subir da floresta. Foi então que eu não me contive e chorei, chorei porque a emoção era demasiado grande para o que eu estava à espera. Tenho isso gravado também.

Depois continuámos a andar. Das duas semanas que durou a minha estadia nas zonas libertadas 10 dias foram dias de marcha. Embora não tenha uma ideia exacta do quanto andamos, creio





Fotos obtidas por Tadahiro Ogawa na sua visita às zonas libertadas de Cabo Delgado em 1973 e publicadas numa revista fotográfica japonesa

termos percorrido durante esses dez dias de marcha, pelo menos 100 quilómetros. Durante a primeira semana segui o Camarada Presidente Samora Machel, e depois fiquei uma segunda semana com Maquinasse, o fotógrafo da FRELIMO. Durante a minha estadia nas zonas libertadas tenho que confessar que estive sempre com medo de um ataque dos portugueses que afinal de contas não se concretizou. Mas cheguei a ver quatro jactos portugueses sobrevoando a mata em que nos encontrávamos e metralhando no regresso. Tentei fotografá-los mas embora lhes fosse impossível (aos pilotos) verem-me os combatentes que estavam connosco não me deixaram fazer puxando-me para baixo de uma árvore.

Isto é um relato muito resumido de que eu vi, ouvi e senti na minha visita às zonas libertadas da FRELIMO, em Moçambique, no ano de 1973.

Depois de quinze dias nas zonas libertadas de Cabo Delgado, Tadahiro Ogawa volta para o Japão onde passa a publicar um número especial de uma revista ilustrada sobre as zonas libertadas pela FRELIMO em Moçambique. Essa revista foi distribuída em todo o Japão, e algumas das fotos nela publicadas foram enviadas



para vários movimentos de solidariedade com África, na Europa.

Uma das fotografias que Tadahiro tirou nas zonas libertadas em Moçambique chegou por exemplo a ser utilizada em forma de poster político na manifestação contra a visita do chefe do governo colonial fascista português Marcelo Caetano a Londres em 1973.

Tadahiro Ogawa já havia estado em 1971 com os combatentes do PAIGC na Guiné quando visitou as zonas libertadas da FRELIMO em Moçambique. Em 1974, Tadahiro volta à Guiné-Bissau onde passa três meses consecutivos. É em plena zona libertada pelo PAIGC que Tadahiro recebe a notícia da queda do governo colonial fascista português em Lisboa, a 25 de Abril de 1974.

A seguir Tadahiro volta de novo ao Japão, e com o material recolhido por ele em 1974 na Guiné e 1973 em Moçambique, o Comité Antiapartheid do Japão publica em 1976 e com o apoio financeiro do World Church Council, o livro «Camaradas, Independência» sobre as lutas de libertação dos Povos das ex-colónias portuguesas.

«Camaradas Independência» teve uma tiragem de 4500 exemplares dos quais 1500 foram vendidos no Japão e 3000 destinaram-se ao estrangeiro. Mais de 1000 exemplares foram entregues ao Comité de Libertação da OUA para serem distribuídos pelo PAIGC, FRELIMO e MPLA mas isso não aconteceu até hoje.



*Tadahiro Ogawa à esquerda e o jornalista Yutaka Shinoda militantes do Comité Antiapartheid japonês, agora de novo em Moçambique*

MO e MPLA mas isso não aconteceu até hoje.

No entanto, segundo afirma Tadahiro, o Comité Antiapartheid do Japão ainda tem em seu poder 1000 exemplares de «Camaradas Independência» que caso se chegue a um acordo sobre o pagamento dos fretes aéreos do Japão para África poderão ser canalizados para a Guiné e Moçambique.

Tadahiro Ogawa está agora em Moçambique, acompanhado de Yu-

taka Shinoda jornalista do Departamento de Noticiários Estrangeiros dos Jornais Mainichi japoneses. A visita de Tadahiro e do seu colega jornalista a Moçambique tem como objectivo fundamental fazer um trabalho de levantamento informativo sobre a situação político-económica em Moçambique e os avanços das Lutas de Libertação da África Austral em geral.

**José Baptista**

## O QUE É O COMITÉ ANTIAPARTHEID JAPONÊS?

O Comité Antiapartheid Japonês fundado em 1964 em Tóquio capital do Japão, é um organismo político independente que tem por objectivos canalizar a solidariedade do Povo Japonês para com a luta dos Povos da África Austral contra o jugo colonial e o poder das cliques racistas da zona.

Contando com 50 membros activos e cerca de 100 simpatizantes, dentre jornalistas, professores de Universidades e Escolas Secundárias, operários, donos de pequenas lojas e estudantes em geral, o Comité Antiapartheid Japonês tem como actividades principais: a publicação de uma revista sobre a luta dos Povos da África Austral contra as cliques racistas e colonialistas 2 a 3 vezes por ano, organização de debates seguidos da projecção de filmes sobre o Apartheid em Univer-

sidades e Escolas secundárias japonesas, e a realização de reuniões públicas todos os meses, versando temas sobre África tais como expressões sobre cultura africana e informações sobre a África do Sul.

Paralelamente a este trabalho de propaganda e agitação política, o Comité desenvolve a ritmo permanente um trabalho de investigação sobre as relações económicas entre o Japão e a África do Sul. Embora o governo japonês tenha proibido os investimentos de capital directos para a África do Sul, o Comité Antiapartheid japonês pensa que tais investimentos se continuam a processar através de sucursais e empresas sediadas noutros países.